

PRÍNCIPES NA GRACIOSA

VIEIRA

Nos céus desta Ilha vêem-se por lembrança pairar três gloriosas sombras de escritores que a sua terra tocaram, para logo a deixarem: um com amor, o segundo com ironia e o terceiro com esperança.

Na Primavera de 1654, o Padre António Vieira andava pelas missões do Brasil, a subir rios, a atravessar florestas, a defrontar perigos, lutando heróicamente contra as influências de condenáveis interesses de governadores e exploradores dos territórios do Maranhão e do Pará.

Os jesuítas queriam os índios baptizados, instruídos e livres, a viver em aldeias

de famílias cristãmente constituídas, para que, salvos de violências, pudessem manter o fruto da sua conversão e tornar-se conscientes vassallos de El-Rei de Portugal.

Aos cultivadores de tabaco e aos homens de engenho convinha, porém, o livre tráfico dos indígenas, a sujeição deles aos trabalhos de valorização da terra, sem respeito pelos laços conjugais, levando as mulheres para um lado e os maridos para o outro, dispondo desses cristãos como se fôsem reses. Por tão alto ardor de fé e tão sincero amor à sua liberdade, os índios, em sentimental impulso de justiça, ao missionário Vieira chamavam *Paiassú*, Pai-Grande.

Travava-se ali um violento duelo entre as missões inacianas e as fazendas agrícolas, os direitos da cristandade e os interesses dos coloniais, entre António Vieira, superior dos jesuítas, e as autoridades interessadas nos negócios, entre o Espírito e a Matéria.

A pessoa do grande orador e missionário fôra vilmente ultrajada, mas dos

seus esforços de intrépido advogado da justiça, da sua exaltação e cólera sagrada, já dão testemunho as célebres cartas de 4 e de 6 de Abril desse ano de 1654.

Dirigidas ambas a D. João IV que o incumbira de velar e proteger *essa pobre gente*, os índios do Maranhão, na primeira delas assim fala o missionário do Brasil ao Rei de Portugal:

Senhor. No fim da carta de que V. Magestade me fez merce, me manda V. Magestade diga meo parecer sobre a conveniencia de haver neste Estado, ou dous Capitaens Môres, ou hum só Governador. Eu, Senhor, razoens politicas nunca as soube, e hoje as sey muito menos; mas por obedecer direy toscamente o que me parece. Digo que menos mal será hum ladrão, que dous, e que mais difficultosos seraõ de achar dous homens de bem, que hum... (1).

(1) *Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu.* Tom. Primeiro. Lisboa, MCCXXXV, pág. 49 e segs.; J. LÚCIO DE AZEVEDO—*Cartas do Padre Antonio Vieira, coordenadas e anotadas por...* Tom. primeiro. Coimbra, 1925, pág. 416 e segs.

Mas a sua desafronta, por assim dizer, melhor poderia proclamá-la no sermão de Santo António, prègado algumas semanas depois, a 13 de Junho, na mesma cidade de São Luís do Maranhão.

À semelhança do Taumaturgo, Vieira prèga aos peixes, desenvolvendo no discurso a famosa alegoria satírica por onde mais alto parece ter subido o seu génio de orador, de missionário e de português.

É de ouvir para admirar com assombro, o enfusiante e corrosivo gracejar do audacioso prègador:

Olhae, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que digo. Vós viraes os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidaes que só os tapuyas se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vêdes vós todo aquelle bulir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas: vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sahir sem quietação nem socego? Pois tudo aquillo é andarem

buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Morreu algum delles, vereis logo tantos sobre o miseravel a despedaça-lo e come-lo.

Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores: comem-no os officiais dos orphãos, e os dos defuntos e ausentes: come-o o medico, que o curou ou ajudou a morrer, come-o o sangrador que lhe tirou o sangue, come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar; emfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçaes a que chega vossa crueldade, considerae, peixes, que tambem os homens se comem vivos, assim como vós.

.....

E mais adiante:

Vêde um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou accusados de cri-

mes, e olhae quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquisidor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São peores os homens do que os corvos. O triste que foi á forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juizo, ainda não está executado nem sentenciado e já está comido (1).

.....

Depois, referindo-se às diversas espécies de peixes—o roncador, o pegador, o voador, o polvo, faz claros espelhos para os viciosos colonos do Maranhão, sendo possível identificar pelas certas alusões, algumas das figuras da cidade naquele tempo e que o padre Vieira fus-tiga com tagante de jôgo, nas vésperas da sua partida para o Reino em favorável monção (2).

(1) *Sermões*. Pôrto, 1908, vol. VII, págs. 237 e 238.

(2) J. LÚCIO DE AZEVEDO—*Historia de António Vieira*, Tôm. Prim. Lisboa, 1918, pág. 253 e segs.; HER-

Neste estado de espírito embarcara o missionário para directamente reclamar providências a D. João IV, e durante dois meses de viagem, o navio foi para os religiosos e para a gente que nêle vinha, uma ambulante comunidade em que as rezas e exercícios ocupavam o melhor do tempo.

Chegando ao mar dos Açores, já próximo da Ilha Corvo, levantou-se uma temerosa tempestade que desmantelou e voltou o navio:

Ficou com o bordo direito debaixo das ondas, e recostado no mar até o meyo do convéz, passando-se a gente ao costado opposto em tropel confuso. O pranto feria os ares, feria o Ceo: o assoprar do vento, o bater das ondas, a furia de ambos pareceo desencaixar os polos com perigo novo, e ruina sem remedio. O Padre Antonio Vieyra neste apertado transe, igual a todos no perigo, mayor que todos no

NANI CIDADE—*Padre António Vieira*, Lisboa, MCMXL, vol. I, pág. 90 e segs.

acordo, depois de dar a todos a absolvição geral, levantou a voz, e como quem levava na alma os seus Indios, bradou assim :

Anjos da Guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vay este navio buscar o remedio, e salvação dellas. Fazey agora o que podeis, e deveis, não a nós que o não merecemos, mas áquellas tão desamparadas almas, que tendes a vosso cargo; olhay, que aqui se perdem tambem comnosco.

Feita esta súplica de fé ardente, exortou os naufragos a que fizessem à Virgem o voto de rezar o têrço por todos os dias da vida, se fôsem salvos daquelle perigo. E em tal extremo, *sustentou a poderosa mão de Deos o navio por um quarto de hora assim deitado sobre as ondas, e carregado de açucar até ás escutilhas, sem que a furia dos mares o soçobrasse, ou elle com o pezo da carga se fosse a pique: até que aliviado do pezo dos mastros, dando huma volta, por si mesmo se ergueo, e poz direito,*

recebendo outra vez dentro em si, os que tivera no costado.

Mas nem pilôto nem os mareantes recobriram com tal prodígio a esperança de salvamento nesta nau sem govêrno, sem mastros nem velas, e em paragens das mais procelosas do Oceano Atlântico.

Avistaram ao longe outra nau, mas logo a viram desaparecer no meio da tormenta, e ali tiveram de permanecer, de olhos no céu, à espera de remédio, animados pela perseverança e pela exaltada confiança que, em nome de todos, o padre António Vieira pusera no suplicado milagre.

Nessa mesma noite, a nau mudou de rumo e chegou à vista dos aflitos naufragos que para ela gritavam a pedir socorro. Recolhidos todos a bordo do barco salvador, logo reconheceram ser um corsário holandês que da carga do navio português faria boa prêsa, enquanto os naufragos ficavam despojados das roupas e haveres que consigo traziam. Passados

nove dias, eram lançadas no pôrto da Graciosa as quarenta e uma pessoas que vinham do Brasil, entre elas quatro frades do Carmo, e a todos o padre António Vieira proveu do necessário em roupas, mantimentos e recursos para a viagem até Lisboa.

Pela Graciosa ficou o padre António Vieira dois meses, durante os quais se deve ter consagrado a grandes exercicios de piedade, nestas pequenas povoações que não ofereciam auditório bastante numeroso e preparado, para o alto estilo dos seus sermões. Mas na terra *deixou plantado o seu zêlo, a devoção do Têrço do Rosário que ainda lá não tinha chegado.*

Durante a sua permanência na Ilha Graciosa, escreve para Amesterdão ao judeu Nunes da Costa, a quem manda os necessários créditos para resgate dos livros e papéis que para a Holanda haviam sido levados pelo capitão do navio flibusteiro.

Com os outros náufragos, embarcou

logo que pôde, para a Ilha Terceira, e de lá seguia para São Miguel onde já prégava a 15 de Outubro, na igreja do Colégio, o célebre sermão de Santa Teresa, no qual conta o naufrágio do navio e o prodígio acontecido (1).

CHATEAUBRIAND

Em três das obras de Chateaubriand se encontram referências à Ilha Graciosa, que este escritor visitou em 6 de Maio de 1791, quando seguia de França (Saint-Malo) para a América, a fugir da Revolução Francesa. Êle mesmo nos elucida àcerca das suas razões e destino, no meio da perigosa confusão em que ficava a sua pátria. Lembranças da Graciosa podem ler-se nos seus livros

(1) P. ANDRÉ DE BARROS—*Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira*, 8. Lisboa, MDCCXLVI, pág. 149 e segs.

Voyage en Amérique, no Essai Historique sur les révolutions e nas Mémoires d'Outre-Tombe, de onde transcrevo a impressão da chegada, nessa remota manhã de Primavera:

«L'île *Graciosa*, devant laquelle nous étions mouillés, nous présentait ses collines un peu renflées dans leurs contours comme les ellipses d'une amphore étrusque: elles étaient drapées de la verdure des blés, et elles exhalaient une odeur fromentacée agréable, particulière aux moissons des Açores. On voyait au milieu de ces tapis les divisions des champs, formées de pierres volcaniques, mi-parti blanches et noires, et entassées les unes sur les autres. Une abbaye, monument d'un ancien monde sur un sol nouveau, se montrait au sommet d'un tertre; au pied de ce tertre, dans une anse caillouteuse, miroitaient les toits rouges de la ville de Santa Cruz. L'île entière, avec ses découpures de baies, de caps, de criques, de promontoires répétait son paysage inversé dans les flots. Des rochers verticaux au plan des vagues lui servaient de ceinture extérieure. Au fond du tableau, le cône du vulcan du Pic, planté sur une cou-

pole de images, perçait, par-delà *Graciosa*, la perspective aérienne» (1).

Fundeados a distância, resolveram desembarcar com o escritor o seu querido companheiro de viagem Tulloch e o imediato do navio. No pôrto logo se manifestou grande alvorôço de gente, não só pelo tamanho do desconhecido barco, como pela bandeira tricolor da República que pela primeira vez era vista naqueles mares.

Ao encontro dos visitantes, sai uma velha fragata na qual haviam embarcado numerosos frades, por certo franciscanos, do único mosteiro da *Graciosa*.

Vindo à fala e dominado o primeiro espanto, estabeleceu-se entre todos agradável convívio. Passaram os visitantes para a fragata e dentro dela vieram para terra

(1) *Memoires*, ed. 1849, págs. 150-151.

A impressão é bastante exacta, devendo apenas corrigir-se a *abadia* pelas ermidas do Monte da Ajuda e notar que o fenómeno da reflexão da Ilha no espelho das águas, nunca mais ali foi notado por ninguém. Assim mo disseram as pessoas de Santa Cruz.

onde a multidão dos curiosos os esperavam, sendo especialmente por todos notada e admirada a *farda real* de Chateaubriand. Alguns aguazis armados de lanças ferrugentas, conduziram o cortejo ao casebre do capitão-mor que, vestido de fardamento verde, muito coçado, lhes deu audiência e os autorizou a fazer as necessárias provisões de víveres. Dali, os frades levaram os viajantes ao seu convento. Já então o inglês Tolloch, amigo e companheiro do escritor, acertara de topar com um patricio entusiasta, antigo marujo de Jersey, cujo navio havia anos dera à costa na Graciosa, despedaçado pelo temporal.

Único sobrevivente do naufrágio, foi recebido e instruído pelos frades que assim converteram à fé católica o moço protestante que ali se resolveu a tomar o hábito da Ordem Seráfica. Muito contente de ouvir falar a sua língua, depois de tantos anos, levou os visitantes a um passeio pela Ilha, e pelos frescos caminhos se lhes ofereciam à vista risonhas casas com suas

varandas floridas. Pelas fazendas foram encontrando a trabalhar vinhateiros meionus e requeimados do sol, enquanto passavam as mulheres de pequena estatura, amulatadas, alegres, ingenuamente graciosas com seus ramalhetes de flores e com as contas dispostas à maneira de coroas ou de cadeias de enfeite.

Pelas encostas vicejavam as vinhas, cujo produto lhes lembrava o afamado licor do Faial. Água, rara, mas junto das nascentes eram sempre plantadas figueiras e festivamente se erguiam alpendres com oratórios de onde se gozavam lindas vistas de terra e mar. Fixados assim alguns aspectos da Ilha, foram ceiar com os padres ao refeitório e com eles passaram a noite em abundantes libações. No dia seguinte, voltaram a bordo para onde já tinham mandado os refrescos, deixando aos frades as suas cartas para a Europa. Durante a noite, fôra o navio fustigado por forte vendaval de nordeste. Quiseram então levantar ferro, mas, como se previra, a âncora pren-

dera-se nos rochedos e por lá ficaria para sempre. E assim retomaram o rumo da América.

*

A narrativa que aí fica resumida, reproduziu-a depois Chateaubriand do seu *Essai Historique*, onde o desembarque na Graciosa e respectiva comezaina são descritos com traços burlescos e de caricatural exagêro. Escreve êle, sem sombra de respeito à verdade:

La moitié de Graciosa, sans beaucoup d'exagération, me semble peuplée de moines, et le reste des habitants doit aussi leur appartenir par des tendres liens. De cela j'ai non seulement l'aveu de plusieurs femmes, mais ce que j'ai vu de mes yeux ne peut me laisser là dessus aucun doute.

Conta depois duas anedotas. O organista da matriz, para deslumbrar os visitantes, tocou partes gagas de cantochão, seguindo-se-lhe então Tulloch na admirável execução de um trecho de Pleyel que

deixou atônito o pobre músico ilhéu e os frades daquela companhia.

Outra impressão de ridículo colheu-a de um frade que lhes mostrou um *Coração de Jesus* com legenda de um versículo da Bíblia em caracteres hebraicos, a qual não se podia ler, por lhe faltarem os sinais massoréticos, indicativos das vogais.

O padre, informa Chateaubriand, não entendia nada daquelas letras... E êle, podemos crer, também não entenderia muito, senão, bastar-lhe-iam as consoantes para ler o texto.

Pelos frades foi-lhes depois oferecida uma grande ceia, servida por lindíssimas raparigas e durante a qual todos beberam até cair.

Êle é que o diz: *On prévoit assez ce qui nous arriva: à une heure du matin pas un convive ne pouvait se tenir dans se chaise.*

Depois desta preciosa confissão, não se faria grande violência à lógica, negando tôda a veracidade ao que Cha-

teaubriand ainda conta: a missa do frade inglês às seis da manhã, missa de caçador pela rapidez, e à qual assistem ingenuamente os bons fiéis cristãos que no fim vão beijar a mão do sibarita, *encore épris de vin et de débauche* . . .

Mas, por digno impulso de remorso, ou por aquela versatilidade de espírito e de carácter de que tantas ilustrações deixou, o autor do *Essai Historique* procurou corrigir-se a si mesmo, em várias notas ao texto da primeira edição de Londres, em 1796, no capítulo XIV, intitulado: *Du clergé en Espagne et Portugal. Voyage aux Açores. Anecdote*.

Nas reedições francesas de 1826 e 1830 (Paris), lê-se a seguinte nota:

Qu'est-ce que prouve cette anecdote de matelot devenu moine aux Açores? Rien du tout. Qu'est-ce que prouve la licence d'un convent de moines, placé dans une petite île, loin de regards des superieurs ecclésiastiques? Rien du tout. Ce recit de mauvais ton, et qui sent son sous-lieutenant d'infanterie, était un très méchant argument

dans mon système; mais je voulais absolument raconter, je voulais parler de mes voyages: si je m'en étais tenu à la description de l'île Graciosa, cela aurait suffi.

Une seule phrase est sérieuse dans ce récit, c'est celle où je dis que le christianisme subsistera encore longtemps en Espagne, à moins que quelques causes étrangères ne viennent en hâter la chute.

.....

E mais adiante explica-se:

Au surplus, je ne sais pourquoi je veux absolument confondre les Espagnols et les Portugais dans ce chapitre de l'*Essai*; ces peuples sont fort différents l'un de l'autre; depuis l'époque de l'alliance de la maison de Lancastre avec la maison souveraine de Portugal sous Richard II, les Anglais ont eu avec les Portugais des rapports multipliés, qui ont beaucoup influé sur les moeurs de ce dernier peuple.

É difícil surpreender mais elegante embusteiro e maior desprêzo pelos deveres de escritor bem informado e escrupuloso. Ao menos, ficamos a saber que somos

muito diferentes dos espanhóis. Podemos então contar com a nossa autonomia na Península Ibérica. . .

Por último, sobre as suas relações com o inglês Tulloch, seu conviva na bebedeira da Graciosa, Chateaubriand ainda escreve em nota a outra nota:

Il n'y a de passable dans cette note que mes descriptions comme voyageur: Il fallait bien, au reste, puisque j'étais philosophe, que j'eusse tous les caractères de ma secte: LA FUREUR DU PROPAGANDISME ET LE PENCHANT À CALOMNIER LES PRÊTRES. . . (1).

Reum habemus confitentem, e a espontânea confissão do criminoso sempre se considerou em justiça uma poderosa atenuante.

Mas não deixa de ficar bem revelado em talentos e virtudes, este mistificador *filósofo* do Romantismo e do Liberalismo que em seus escrúpulos muito igual ou semelhante se mostra a outros estrangeiros

(1) Edic. 1830, pág. 546.

que pela terra Portuguesa passaram e passam a comer bem, para dizer mal de quem generosamente lhes pôs a mesa. Chateaubriand, ao menos, ainda emendou com a mão direita o que escrevera com a esquerda, certificando-nos de que a bruma transfiguradora, nesse remoto Maio de 1791, era apenas vapor de álcool, e o falso espírito da sua narrativa, o verdadeiro espírito de vinho da Ilha Graciosa. . .

GARRETT

Nos processos arquivados nos cartórios do tribunal da comarca de Santa Cruz, durante os anos de 1810 a 1819 (Junho), intervém o Dr. João Carlos Leitão com os títulos de *juiz de fora do cível, crime e órfãos, alfândega, mar e direitos reais, superintendente das sisas, provedor da fazenda dos defuntos e ausentes, conservador do tabaco e saboa-*

rias, presidente da câmara desta Ilha Graciosa.

Verdadeiro senhor da Ilha, êste juiz era irmão de D. Frei Alexandre da Sagrada Família, bispo resignatário de Angola, bispo eleito de Angra em 1812, e ambos êles tios maternos do estudante João Baptista da Silva Leitão que na immortalidade havia de entrar com o nome de Almeida Garrett.

Em 1811, com seus pais viera o menino João Baptista fixar-se em Angra, deixando a Quinta do Castelo e a cidade do Pôrto onde nascera, a 4 de Fevereiro de 1799. Como êle próprio confessa, de lá trouxera aquelas fecundas recordações, mais tarde reavivadas e que nas suas obras docemente e poéticamente se reflectiriam para sempre, pelos contos da tia Brísida e da mulata Rosa de Lima.

Na Ilha Terceira vinha também encontrar estabelecidos e com preponderância, dois tios paternos, os presbíteros Joaquim António da Silva e Manuel Inácio

da Silva, arcediago da Sé de Angra, desde 1785.

Com todos êstes parentes sacerdotes, eclesiástico teria de ser o meio familiar e social do estudante, e para a Igreja já se haviam voltado as aspirações da família, abrindo fácil e prometedor caminho àquêle rapaz de extraordinária precocidade, dotado de índole exuberante e irrequieta, como em tôda a sua vida havia de mostrar.

Em Angra, por então viviam alguns jacobinos, entusiastas filiados do *partido francês*, doutores, cónegos, padres e magistrados, componentes da leva que ao pôrto arribara em Setembro de 1810, e que pela cidade se demorariam até à amnistia de 1814 (1).

A presença dêstes deportados, alguns dos quais illustres, não poderia deixar de

(1) *Obras Completas de Garrett*, prefác. por TEÓFILO BRAGA, vol. I, pág. 10; *Memorial da muito notável vila da Praia da Vitória*, 8. Coimbra, 1929. Art. *A Terceira durante a Regência (1830-1832)*, por VITORINO NEMÉSIO, pág. 209.

influir na orientação dos espíritos da pequena cidade, criando adeptos pela sedução da idéia nova, a agitar-se em conversas, discussões e pelo subterrâneo trabalho das lojas maçônicas.

Assim pode supor-se que o futuro Garrett, ao deixar a Ilha Terceira para se matricular em Coimbra, já levasse na alma juvenil a semente da apregoada redenção pela Liberdade, já fôsse contagiado de *mal francês*.

Em Angra, especialmente guiado no estudo das humanidades pela competência e afectuosa solicitude do velho Bispo D. Alexandre, que daquele sobrinho desejava fazer um beneficiado da Sé e um novo dignitário da Igreja, o estudante João Baptista chega a receber a prima tonsura das ordens menores em 1813.

Neste ano, em período de férias, naturalmente nas do Verão, veio êle à Graciosa, de visita ao seu tio Dr. João Carlos, homem austero, culto e também dado ao convívio das musas.

Por êsse tempo, em data que não foi

ainda possível averiguar, celebrava a sua missa nova na matriz da vila, o padre Manuel Correia da Silva.

E agora sabereis o que aconteceu:

«Em meio da festa, vê-se de repente, com geral admiração, um mancebo trajando capa preta, subir a escada do púlpito e alli fazer um discurso que agradou, fallando brilhantemente sôbre o acto que celebravam e sôbre os deveres do novo sacerdote. O prêgador era o estudante Almeida Garrett (1).

.....

.....

Acabado o eloquente e celebrado improvisado, desceu do púlpito, passando pelo dissabor de ser severamente repreendido pelo juiz de fora, seu tio, que também se achava na igreja, e que sendo homem de génio impetuoso e forte, mostrado em algumas ocasiões de enfado, ficara assaz encolerizado com este caso, a ponto de dirigir-se logo ao vigário da matriz, pedindo-lhe com instancia que participasse a ocorrência ás

(1) Ainda não usava êstes apelidos.

autoridades para seu sobrinho ser castigado. Felizmente não houve procedimento judicial e o caso passou em graça, devido á benevolência do rev.^{do} vigário » (1).

Embora esta narrativa do episódio da estreia oratória de Garrett seja posterior à diferente versão do mesmo caso, dada nas *Memorias Biographicas* (1881), devemos tê-la por mais exacta, pois foi aqui colhida e ainda se conserva na tradição oral das pessoas cultas da Ilha, apenas com a diferença do local da cerimónia que alguns supõem ter sido a igreja do convento de São Francisco.

Desconhecem-se as razões que determinariam aquêlê rapaz a prègar em tão solene festividade, como não se sabe se o *improviso* teve ou não algum estudo de preparação. Cometida na transição da puerícia para a adolescência, a ousadia poderá explicar-se por impulso da vai-

(1) ANTÓNIO BORGES DO CANTO MONIZ—*Ilha Graciosa (Açores)—Descrição Histórica e Topográfica*, 8. Angra do Heroísmo, 1884, pág. 139-140.

dade de um moço de talento, sem inteira consciência da sua responsabilidade de ordinando. Sobrinho do prelado da diocese e sobrinho do juiz da Graciosa, sentia-se em domínio familiar, por assim dizer. Desta sorte, maior estímulo haveria na tentação de impor-se, deslumbrar a assistência ou especialmente alguém no meio dela, e bem fora de propósito brèjeiro que o levasse a brincar com o sagrado ministério do púlpito.

Até aos últimos anos do século passado, existia na Ilha um manuscrito original de Garrett—moço, intitulado *Odes Anacreonticas compostas e offerecidas ao senhor Francisco Homem Ribeiro por J. B. S. L. seu menor criado—Graciosa* (1).

Francisco Homem Ribeiro que em Santa Cruz ainda tem descendência, era

(1) O referido manuscrito foi publicado por MENDO BEM (MONIS DE BETTENCOURT) no livro—*Os Primeiros versos de Garrett*. Pôrto. Livraria Magalhães & Montz, 1902; e por FRANCISCO BARATA, com o mesmo título do original, em Évora, no ano de 1903.

pessoa das principais da Ilha, pelos seus haveres e importância dos cargos aqui desempenhados, e por certo já respeitável pela idade, em relação com os poucos anos do Poeta.

As *Odes* não têm datas e sem elas se devem considerar também outras poesias de Angra, com indicações de anos e meses que não podem manter-se pela confusão e anacronismos que revelam (1).

O facto de o manuscrito ser dedicado a um graciosense, cujos descendentes o conservaram na sua posse por muitos anos, a franca familiaridade dos versos, a possível alusão ao seu nome no criptónimo Francino da ode 9.^a, parecem dar a estas composições o carácter de local devaneio no tempo das férias na Graciosa. Sendo composto aqui na Ilha, poder-se-ia admitir que a Lília nêles cantada,

(1) FRANCISCO GOMES DE AMORIM—*Garrett. Memórias Biográficas*, Lisboa, 1881. Vol. 1, págs. 111-112. Erros de datas nos primeiros versos do Poeta, verificou-os também o coronel H. DE CAMPOS FERREIRA LIMA, grande mestre de Bio-bibliografia Garretiana.

seria uma menina da vila de Santa Cruz, como já entreviu em adocicadas divagações, o editor dos *Primeiros Versos de Garrett*. Assim, a primeira amada do Poeta viria a ser arqui-avó destas precoces donzelinhas de cabeças de arvéloa que aí vemos, e também ela então passaria para a missa, com todo o recato do seu bioco preto.

Naqueles tempos, para padre estudavam quasi todos os rapazes, até ver o que dava o coração... Para isso, era necessária a experiência, e com ela se evitavam precipitações ou fatais erros de vocação sacerdotal.

Por mais expressivas e mais fluentes em sonoridade e ressaibos arcaicos, e pelo favor que poderão dar à hipótese do amorio nesta Ilha, vamos transcrever duas das *Odes Anacreônicas*:

ODE 7.^a

Vinde Prazeres
Por entre as flores,
Que andais brincando;

Despidas Graças,
Vós que, dançando,
Triniais alegres
Doces canções.

Deusa dos gostos
Do amor, oh Diva,
Dos teus filhinhos
O bando ajunta;
E vem nas asas
D'almo favónio
Dar luz, dar fôrça,
A meus louvores!

Da meiga Lilia
Cantar pretendo
Natal ditoso;
Tu por clemência,
Deidade inspira
Teu fiel cultor;
Faze mereça
Minha áurea lyra
Puros sorrisos,
Cândido amor!

ODE 9.^a

Tu podes acaso
Francino contar

Êsses grãos de areia
Que cercam o mar?

Contar poderás
As flores galantes,
Doiradas espigas,
Estrellas brilhantes?

Por isso não podes,
Não podes também
Cantar as bellezas
De Lilia, meu bem.

Em cândida ingenuidade e frescura de alma, assim era cantada a linda ilhoa, botãozinho de carne portuguesa que faria madrugara a primeira afeição amorosa do estudante minorista João Baptista da Silva Leitão, ternura bem traduzida nestes versos, consagrados aos seus encantos e ao júbilo do seu *natal ditoso*.

Se assim fôr, passará para segundo lugar, e já não fica mal, a loira inglesa Isabel Hewson que dos seus magoados olhos se ausentaria de Angra para São Miguel na companhia do pai.

Depois, virão em série a prima Tomá-sia e tôdas aquelas portuguesas e forasteiras que fizeram estremecer o coração e perturbar a cabeça do Poeta, do grande namorado e amorudo português.

Nesta oscilação de hipóteses à volta dos primeiros anos da sua vida literária, algum mais curioso poderia tirar-se de cuidados e ir à igreja dos Jerónimos. Ali, docemente bateria no caixão (ou caixote) em que se guardam os ossos de Garrett, para lhe perguntar se o primeiro dos seus amores foi a menina Lília, da Graciosa, ou a loira Isabel que o fascinara durante os estudos em Angra.

E, de uma vez para sempre, também se ficaria a saber se Lília e Isabel foram a mesma gentil e fresca menina, sonho e enlêvo de um só sentimento.

Mas, depois de tantas outras donzelas e mulheres que o estontearam na vida, muito possível seria que nem êle próprio já pudesse testemunhar a procurada prioridade ou identidade de amor, ao descansar na morte.

Ora, então, melhor será deixá-lo dormir, dormir em sossêgo, pois que sonhar e amar já êle, Garrett, não pode mais...

*

Em Santa Cruz, na rua do Visconde de Almeida Garrett, ainda existe a casa do juiz João Carlos Leitão, em que o Poeta esteve hospedado.

Em letra redonda se conta o longo processo de uma lápide alusiva a êsse facto, por homenagem da câmara municipal da vila ao autor do *Frei Luiz de Sousa*. Em livros impressos há quási meio século, já vem trasladada a glorificadora inscrição que ninguém encontra para ler nas brancas paredes da modesta moradia (1).

Se a pedra chegou a ser colocada, por artes mágicas se dissolveu na bruma destes céus. Se não a inauguraram, então

(1) ALICE DE MODERNO—*Açores—Passos e Coisas*. Ponta Delgada, 1901.

com certeza foi posta sôbre as fôlhas do seu próprio processo, para nêle se fazer perpétuo silêncio...

E porquê? Não o sei.

Por dever de sua honra, compete à Câmara Municipal de Santa Cruz reparar tal injustiça, e aqui fica o requerimento para renovação da instância nessa demorada acção de execução glorificadora...

PAINÉIS QUINHENTISTAS DE SANTA CRUZ DA GRACIOSA (1)

I

Os quadros de que vou ocupar-me nesta simples comunicação, depararam-se-me há pouco mais de um ano, na igreja matriz de Santa Cruz da Graciosa. Não virá fora de propósito, antes muito servirá ao meu intento, referir algumas vicissitudes sofridas pela fábrica dêste templo que pelo aspecto e composição da actual fachada (fig. 1), constitui um característico exemplar do barroco açorense. Tão variada expressão da archi-

(1) Palestra feita no *Museu das Janelas Verdes*, em 16 de Junho de 1941.